

Amarelão: o número sobe para 25 milhões

ENDEMIAS CONTINUAÇÃO

internar-se no hospital para uma operação em que lhe extrairiam o baço. Jovino era pobre e só poderia ter sido operado no Hospital das Clínicas, de graça. Mas teria de enfrentar uma fila enorme. A Clínica de Doenças Tropicais do Hospital das Clínicas paulista só dispõe de 30 leitos; se fôssem internar os casos graves de esquistossomose — só os graves — que aparecem no ambulatório, não haveria leito para nenhuma outra doença, o ano inteiro.

Das doenças de massa no Brasil, a esquistossomose é a que está aumentando mais. Sua área de ação é larga, apanha o Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Minas, Espírito Santo, Bahia, São Paulo, Paraná e Estado do Rio. Em algumas de suas formas, ela provoca aumento do fígado e do baço, e o ventre fica crescido, daí porque o povo a chama de *barriga d'água*. A transmissão da doença se faz através da água de riachos e lagoas, por meio de um caramujo. Estudo recente do dr. Néelson Rodrigues dos Santos, do Instituto de Medicina Tropical, revela que no Vale do Paraíba a doença tem aumentado perigosamente; em algumas áreas rurais ela já atinge a 50% da população.

O combate à esquistossomose vem sendo feito, no país, através da destruição dos caramujos e do tratamento dos doentes. O dr. Rodrigues dos Santos acha ambas as técnicas insuficientes, pois destruir os caramujos, a não ser em águas paradas e de pequena concentração, é impossível; e o tratamento só pode ser feito em hospital — e não há vagas para os 8 milhões de brasileiros com esquistossomose.

A solução, no entender desse técnico, está em campanhas maciças de esclarecimento popular, de modo que a população das áreas endêmicas seja posta a par da gravidade da doença e assuma, ela própria, através de hábitos sanitários e de higiene os cuidados necessários para evitar a propagação. Os caramujos não têm naturalmente a esquistossomose; eles a apanham dos homens, através dos esgotos lançados nos riachos e lagoas, e depois a retransmitem.

No Vale do Paraíba, a esquistossomose é doença profissional, pois a plantação de arroz, no sistema de alagados, obriga os camponeses a trabalhar muito tempo com água até o joelho, o que os torna alvo quase fatal do esquistossomo.

Durante muito tempo, o professor Pessoa manteve, no Departamento de Parasitologia do Hospital das Clínicas, um cartaz em que garantia um prêmio de um conto de réis (naquele tempo era dinheiro) para qualquer alagoano que, internado pela doença que fôsse, não tivesse esquistossomose também. Ninguém levou o dinheiro. A preferência do professor Pessoa por Alagoas é antiga; ele diz que seu sonho seria passar o resto da vida em Pilar, no interior alagoano.

Durante seis meses ele morou lá, anos atrás, justamente estudando esquistossomose.

Naquela época, o professor Pessoa estava interessado em estabelecer os sintomas clínicos da doença, principalmente sua repercussão no aparelho digestivo. Era um trabalho importante, pois a esquistossomose sempre passava despercebida e só ia chamar atenção do doente quando em fase muito adiantada, sem quase possibilidade de tratamento. Hoje, trabalhos do professor João Alves Meira, que acompanhou casos de esquistossomose até durante dez anos, esclareceram totalmente a questão. Mas, por volta de 1950, o problema estava no ar. Com esse objetivo, o professor Pessoa fez um levantamento no litoral alagoano, onde há muita esquistossomose. E anotou as queixas mais freqüentes dos enfermos: dores abdominais, dor aguda à apalpação do intestino e dores espalhadas pelo corpo. Preparou então um artigo científico sobre os sintomas precoces da esquistossomose, ficou muito contente com a descoberta e continuou a vida de pesquisador. Logo depois, entretanto, foi trabalhar em outra área do Nordeste, agora no sertão mais bravo, o agreste, onde a aridez é tão grande que nem parasita quer viver por lá. A população não tinha esquistossomose, como os exames mostraram, e nem podia mesmo ter com a falta de água que há por lá. Entretanto, examinando os sertanejos, espantou-se com um negócio: todos os sintomas da esquistossomose estavam presentes: a mesma dor na bôca do estômago, os mesmos gritos à apalpação, as mesmas dores pelo corpo.

O professor achou estranho. Foi atrás da solução daquele mistério e achou: tanto naquela faixa de sertão, como no litoral, 70% não comiam carne, ou só a provavam de maneira irregular e insuficiente; 80% não comiam ovos; menos de 40% bebiam leite; duas refeições por dia não era costume de ninguém.

— É — concluiu ele — nem aqui nem lá as dores são da esquistossomose. São mesmo é da endemia principal — a fome.

Guilherme, 30 anos, é tropeiro de boiada, muito admirado na região pelo seu bom coração. Mas agora o contentário é geral;

— Você viu? O Guilherme está ficando louco!

A família já sabe que o problema não é loucura; seu intestino é que não funciona há mais de 80 dias. Ele está com entupimento da tripa; os médicos diriam *mega-colo*. Guilherme não tem dinheiro para pagar internamento e está há dois meses na fila do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto para operar. Um amigo da família, sabendo que ele não vai resistir, intercede e consegue, através de um professor da faculdade, internar Guilherme. Ele é operado e volta para casa

um mês depois, como nôvo. Mas a família é avisada: a operação não resolveu tudo, Guilherme tem *coração de boi* e vai morrer a qualquer momento, de colapso.

É o mal de Chagas. Como Guilherme, há quatro milhões de outros no Brasil. E outros cinco milhões estão expostos ao barbeiro e, portanto, correndo risco de adoecer também. Das doenças de massa no Brasil, mal de Chagas é uma das que matam mais. Está disseminada principalmente em Minas, Bahia, Goiás, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. O inseto transmissor, o barbeiro, vive nas frestas das casas de barro e pau-a-pique. Teoricamente, a doença é fácil de ser exterminada: bastaria não dar condições de sobrevivência aos barbeiros, e isso pode ser conseguido de duas maneiras: a) dando melhores moradias aos habitantes do campo; e b) aplicando BHC repetidamente — pelo menos três vezes por ano — nas casas das zonas rurais.

Quando atinge crianças de pouca idade, a doença provoca perturbação mental irreversível, o que levou Monteiro Lobato a escrever, em 1918: "Três milhões — três milhões de brasileiros — atolados na mais lúgubre miséria mental e fisiológica por artes de um único baratao."

O número de doentes de Chagas aumentou, de então para cá.

Todos os ex-assistentes do professor Pessoa na Universidade são hoje catedráticos, ou fazem ciência no Exterior. Um deles — o prof. Luís Hildebrando — é Mestre de Pesquisa na Sorbonne, em Paris. Um dia, Pessoa chamou um jovem assistente, que estava com ele fazia dois meses.

— Está por acaso com você a *Introduction de Chandler*?

— Não, professor. O senhor sabe que ainda nem tive tempo de ir à biblioteca?

— Há dois meses aqui, e o senhor ainda não foi à biblioteca? Escute meu jovem, isto não é uma ordem; é um conselho: saia da Universidade; vá ganhar dinheiro...

O professor Pessoa trabalhou o ano de 67 quase todo na revisão e atualização de uma de suas obras, a *Parasitologia Médica*. É um livro de mil páginas, com cerca de duas mil ilustrações e 15 páginas só de "principais" referências bibliográficas. Está agora na sétima edição e é a mais importante *Parasitologia Médica da América Latina*. Os livros do Prof. Pessoa são de difícil assimilação para um leigo, tantos são os termos técnicos e os nomes em latim. Mas às vezes a gente encontra coisas assim:

— Verifica-se ser o nosso anacrônico sistema agrário, cheio de sobrevivências feudais e até escravagistas; o grande entrave ao desenvolvimento econômico e social e, portanto, ao melhoramento do padrão sanitário do país.